

A dialética em Marx

Francisco Antonio de Vasconcelos – EU-Piauí
Doutor em Educação – Universidad de La Empresa – UDE –
Uruguai
E-mail: franciscoantonio_vasconcelos@yahoo.com.br
Fone: (89) 9981-6737

Data de recepção: 28/03/2014

Data de aprovação: 15/05/2014

Resumo: Este artigo apresenta algumas informações sobre as origens da dialética (seu significado, filósofos da Antiguidade Clássica que refletiram sobre ela etc.) e, por sua vez, aborda a dialética na visão de Georg Hegel, para quem ela é compreendida como síntese dos opostos. Por fim, detém-se no pensamento de Karl Marx (filósofo da Idade Moderna e Contemporânea). Marx destaca-se por partir da crítica à dialética idealista de Hegel e tomar como base o homem concreto de Friederich Feuerbach. Para Marx, a responsabilidade pelo desenvolvimento da história humana não pode ser atribuída à ideia.

Palavras-chave: Dialética – Dialética idealista – Materialismo dialético – Homem concreto

Introdução

Veremos que os trabalhos reflexivos sobre a dialética em Karl Marx são muito frequentes na epistemologia atual. Assim objetivamos, sobretudo, insistir na importância do conceito de *homem concreto* desenvolvido por Friedrich Feuerbach nas reflexões de Karl Marx sobre a dialética.

De acordo com Elster (1989, p. 214), o método dialético de Marx se mantém muito vivo. Para Caio Prado Junior, o método dialético representa a grande contribuição de Marx para a filosofia. De fato, na atualidade, a dialética permanece como tema importante para a Filosofia e para as outras áreas do conhecimento, principalmente para a Educação.

Na história do pensamento ocidental, as reflexões sobre a dialética surgem na Grécia antiga. O interesse por ela está relacionado aos filósofos como Zénon, Sócrates, Platão e Aristóteles. Contudo, foi Heráclito o pensador que mais aprofundou a filosofia da dialética. Segundo ele, é força dos contrários o elemento responsável pela existência de todas as coisas.

Na modernidade, o interesse pela dialética aparece de modo acentuado no filósofo idealista alemão Georg Hegel. De acordo com ele, a dialética é concebida como um processo que se articula em três momentos: a tese, a antítese e a síntese. *Aufhebung* é o termo da língua alemã utilizado por ele para indicar o procedimento dialético, pois essa palavra significa separar e conservar ao mesmo tempo.

Marx, partindo da crítica à concepção dialética de Hegel, dará importante contribuição às discussões em torno da dialética. Fundamental para isso será a concepção de homem elaborada por Friedrich Feuerbach. Ele entende o homem como “sensível” e “concreto”. Karl Marx opõe a Hegel esse homem sensível de Feuerbach. Ao homem espiritual hegeliano, Marx contrapõe o homem real feuerbachiano.

Segundo o filósofo de Tréves, a grandeza de Hegel consiste em ter destacado a dialética do movimento da história. Contudo, sua fraqueza foi ter reduzido o homem ao espírito, à consciência, ao pensamento. Desse modo, ele põe em evidência apenas a forma abstrata do movimento dialético. O pensamento de Hegel captou o movimento dialético, mas reduziu-o a um movimento abstrato. De acordo com Marx, a atitude de Hegel é uma forma mistificadora da dialética.

1. As origens da dialética

A dialética vem do grego *dialektiké*, significando arte do diálogo ou da discussão (a tradução literal de dialética significa “caminho entre as ideias”). Para os gregos, dialética era separação dos fatos, dividindo as ideias para poder debatê-las com mais clareza. Na Antiguidade Clássica, servia para designar o método de argumentação utilizado por filósofos, como Sócrates e Platão. De acordo com Platão, ela seria o movimento do espírito. Portanto, ela seria a arte e a técnica de questionar e

responder algo. A dialética seria, enfim, um método de diálogo cuja principal característica é a contraposição e contradição das ideias que levam a outras ideias.

É difícil dizer quem teria sido o fundador da dialética. Aristóteles considerava Zênon de Eléa, para outros seria Sócrates. Contudo, temos no filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso (540-480 a.C., aproximadamente) o pensador dialético mais radical. Para ele, o que move a realidade seria a força dos contrários. Afirmava que a luta dos contrários é a mãe de todas as coisas. Em sua concepção, a realidade é algo em permanente transformação. Para ilustrar essa tese, dizia que não podemos banhar duas vezes no mesmo rio.

Leandro Konder (2011, p. 9-10) lembra que:

Aristóteles, por exemplo, um pensador nascido mais de um século depois da morte de Heráclito, reintroduziu princípios dialéticos em explicações dominadas pelo modo de pensar metafísico. Embora menos radical do que Heráclito, Aristóteles (384-322 a.C.) foi um pensador de horizontes mais amplos que o seu antecessor; e é a ele que se deve, em boa parte, a sobrevivência da dialética.

Na modernidade, foi o filósofo idealista alemão Georg Hegel quem retomaria as discussões sobre a dialética. Ele a concebia como um processo dinâmico presente em todo o universo. Segundo Hegel, o mundo é resultado do choque das ideias contrárias, seguindo o esquema de tese, antítese e síntese.

2. Dialética em Georg Wilhelm Hegel (1770-1831)

Na concepção desse pensador, dialética aparece semelhante à síntese dos opostos. A primeira fase da reflexão de Hegel é caracterizada por interesses teológicos e religiosos. O povo hebreu – ele sustenta – vivia sob a escravidão da lei, concebendo Deus como transcendente, quem teria estabelecido entre si e ele uma distância incomensurável, pela qual perdia a esperança na possibilidade de se salvar. À ideia que os hebreus tinham de Deus como seu senhor e patrão, Jesus contrapôs a relação entre Deus e os homens como entre pai e filhos (“O espírito do cristianismo e o seu destino”). Mediante o amor, efetivou a relação dos homens com Deus. Por isso, não agiu apenas contra a lei, mas tornou-a supérflua, libertando a vida e restituindo-lhe sua integridade. Todavia, o gesto de Cristo, segundo Hegel, tem um significado dialético, pois não elimina a diferença entre o homem e Deus, mas simplesmente a atenua e a redimensiona; além disso, realiza a transformação da existência, abrindo-a à esperança da salvação.

Nos escritos sucessivos, Hegel retoma a oposição e a reconciliação e considera-as momentos essenciais da dialética, isto é, do método da filosofia. Porém, sistematiza a dialética de forma definitiva na *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* em que a dialética é concebida como um processo que se articula em três momentos: o abstrato ou intelectual constitui a tese, o dialético ou negativo racional a antítese e o

especulativo ou positivo racional a síntese.

A tese equivale à oposição de algo mediante a sua afirmação, assim como vem captado pelo intelecto, isto é, na sua imediatez e universalidade. Ao contrário, a antítese constitui a negação do que é posto na tese. Ele não é anulado, mas simplesmente privado da imediatez e da universalidade com que foi posto e restituído à sua realidade de algo determinado e particular. A síntese, enfim, corresponde à afirmação do que é posto na tese, porém não mais de forma imediata, mas mediata, enquanto término de um processo que coincide com a negação de sua universalidade. Trata-se de uma afirmação que, embora participando da própria realidade daquela inicial, diferencia-se dela porque define, delimita concretamente essa realidade e, então, funda a afirmação de maneira crítica.

Hegel indica o procedimento dialético com o termo *Aufhebung*, que quer dizer separar e conservar ao mesmo tempo, ou seja, mudar de condição. O momento negativo ou racional, que constitui seu momento característico, de fato, nega a universalidade do que é posto na tese, mas conserva sua particularidade. Por isso, aparece não como pura e simples negação, mas como negação da negação, isto é, negação em ato, que não se exaure em si mesma, mas reenvia a um outro diferente de si.

A dialética – escreve Hegel – tem um resultado positivo, pois ela tem um conteúdo determinado, ou porque o seu verdadeiro

A dialética em Marx

resultado não é o vazio e abstrato nada, mas é a negação de certas determinações (Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio).

Mas, qual seria o problema da dialética de Hegel? De acordo com Karl Marx, a sua principal limitação é conceber a contradição responsável pela geração do movimento, como um produto apenas do espírito, isto é, da Ideia.

3. Dialética em Karl Marx (1818-1883)

Marx critica a concepção dialética idealista de Hegel por atribuir ao espírito (uma entidade mística) a responsabilidade pelo desenvolvimento da história humana. Ao contrário de Hegel, Marx propôs outro sistema, o materialismo dialético. Se o sistema hegeliano fazia tudo derivar da Ideia Absoluta, Marx defende que a consciência, o pensamento, a ideia são apenas reflexos da realidade material.

Marx descobre como realidade autêntica coisas que eram para ele apenas abstrações. Da descoberta da economia e do comunismo, nasce uma nova crítica a Hegel e com ela uma nova problemática, cujas bases se encontram no humanismo de Friedrich Feuerbach.

Em Marx, temos como tese, o homem que objetiva sua essência no trabalho; a antítese é representada pela alienação da essência do homem no trabalho e, finalmente, como supressão da negação, o comunismo surge como síntese unificando

tese e antítese. Outro exemplo: O homem objetivaria sua essência no trabalho (tese); a alienação da essência do homem no trabalho (antítese) e o comunismo como a supressão dessa negação síntese.

Na *Sagrada familia*, Marx (2003, p. 173) diz que

Feuerbach é o único a ter tido uma atitude séria crítica com a dialética hegeliana, tendo feito verdadeiras descobertas nesse domínio; ele, em suma, é o verdadeiro vencedor da antiga filosofia. A grandeza com que a executou e a simplicidade discreta com que Feuerbach a entregou ao mundo criam um contraste surpreendente com a atitude inversa dos outros.

Nos *Manuscritos* (1844), temos uma síntese da dialética hegeliana e do sensualismo de Feuerbach. Na França, Karl Marx entraria em contato com o comunismo e com a economia política dos teóricos ingleses. Esse contato com ambos os pensamentos políticos se torna fundamental para sua elaboração da nova crítica a Hegel. Desse contato, levanta-se com força a questão fundamental de saber quem é o homem. Para Hegel, o homem é espírito (autoconsciência); para Feuerbach, é o homem concreto (sensível); e, para Marx, é real, herdado de Feuerbach. Já o movimento dialético em Hegel é abstrato. Nele tudo parte da Ideia, isto é, do Espírito Absoluto (Deus). Com o intuito de evitar esse erro, Marx opõe a Hegel o homem concreto de Feuerbach.

Poderíamos dizer que os *Manuscritos* representam a maturação do pensamento de Marx? De acordo com Althusser, não. De fato, temos de 1844 ao *Manifesto do partido comunista de 1848*, a elaboração de uma teoria materialista da história. Segundo a *Sagrada família*, o homem cria sua natureza na história. Assim, não temos mais o homem de 1844, que encontra na revolução sua natureza alienada. Na *Ideologia alemã*, surge um caminho novo: Marx lança as bases de uma ciência da história. No *Capital*, Marx procura identificar o que faz do homem um ser diferente dos animais: para ele, não é, por exemplo, a sua racionalidade, pois o homem se distingue dos animais por ser um animal produtor, isto é, só ele é capaz de produzir os meios de sua existência sejam os materiais sejam os intelectuais.

De acordo com a visão de Marx, em *Capital*, a história avança através das contradições. A principal contradição é a que existe entre as forças produtivas e as relações sociais de produção.

Na *Ideologia alemã*, intitulada inicialmente de *Feuerbach*, Marx abandona totalmente Feuerbach. Contudo, o *Manifesto* é a síntese de todas as rupturas: Feuerbach, Proudhon e todas as correntes anteriores do pensamento socialista.

O homem da *Sagrada família* é produtor de sua essência. Nessa obra, o filósofo defende a ideia de que não existe uma essência dada anteriormente (como nos *Manuscritos*). Como

consequência disso, ele afirma que o proletariado tem a missão de mudar a história. Trata-se da primeira declaração explícita do materialismo (*Sagrada família*).

Na França, Marx teria contato com o materialismo de René Descartes, caracterizado por seu mecanicismo, e com o materialismo humanista de Helvétio. É este o materialismo que despertará o interesse de Marx.

Em *Teses sobre Feuerbach* (1845), ele rompe com Feuerbach e na *Miséria da filosofia* (1847), rompe com Proudhon. As Teses são a crítica a toda a filosofia anterior. Nelas está presente a sua noção de práxis, vista não apenas como a síntese do materialismo e do idealismo, mas como a superação (*Aufhebung*) deste. Nelas adquire a ideia do homem como conjunto de relações sociais. A práxis é um conjunto de prática e teoria, em que a teoria tem como tarefa mudar as relações sociais. Na famosa Tese XI, Marx afirma que cabe aos filósofos a tarefa de transformar o mundo. Conseqüentemente, entende a essência do homem como práxis, atividade consciente.

Diante do exposto, perguntamo-nos: qual é o lugar do indivíduo no movimento dialético da história? Para a *Ideologia alemã* (1855-1856), os pressupostos do materialismo histórico “[...] são os indivíduos efetivos, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as encontradas aí quanto as engendradas pela própria ação deles” (1984, p. 186). A existência de indivíduos humanos vivos é o primeiro pressuposto da história

humana. Por isso, afirmam que o estudo da história tem que partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação do homem.

Por sua vez, que lugar o indivíduo ocupa em *O Capital*? Há duas maneiras bem claras de identificar o lugar do indivíduo em *O capital*: uma delas é fortemente marcada pela sua relação com as categorias econômicas que constituem o capitalismo; a outra é notada, tão somente, por sua falta e por breves anúncios feitos por Marx, em alguns trechos de sua obra máxima. Define-se, assim, o indivíduo em *O capital*, como *indivíduo agente econômico*, ou seja, como produtor e reproduzidor de capital em suas relações com outros indivíduos. Essa é a *forma posta do indivíduo*, nas linhas de *O capital*, ou seja, é a forma que a singularidade, dentro do encadeamento lógico da obra máxima de Marx, relaciona-se com as categorias econômicas do capitalismo e, portanto, tendo em vista nossos objetivos.

A segunda abordagem possível só é encontrada em breves momentos de *O capital* (p. 15): é o entender a individualidade como homem total, indivíduo em todas as suas dimensões da vida.

Em Hegel, a história não dá saltos e todos os homens são frutos de sua época.

Marx, em *A Ideologia Alemã*, intenta iniciar um processo de decomposição do sistema hegeliano defendido e desenvol-

vido por jovens hegelianos como Stirner, Bauer e, sobretudo, Feuerbach. Fundamentalmente, ele irá centralizar a sua crítica postulando-a de forma a desmobilizar a concepção idealista construída por Hegel de que um Espírito absoluto orientado por princípios racionais e universais que se manifesta metafisicamente na consciência dos homens seja o grande agente determinante do curso e evolução da História. O idealismo utiliza uma concepção finalista da história. Nele, a história dos homens torna-se a história do homem ideal.

Para Marx, o homem é o conjunto de suas relações sociais. Essa visão é marcada pela harmonia entre forças produtivas e relações de produção; isto é, harmonia entre indivíduo enquanto pessoa e indivíduo enquanto membro de uma classe. Para ele, a divisão do trabalho leva à separação entre indivíduo enquanto pessoa (voltado para os interesses privados) e indivíduo enquanto membro de uma classe (voltado para os interesses coletivos).

Marx defende que as forças produtivas determinam as relações sociais. Para ele, os filósofos “críticos” querem libertar pelo pensamento. Condenando a posição desses filósofos, ele diz que a libertação, a supressão do conflito entre indivíduo e sociedade, só poderá vir pela dominação do indivíduo sobre suas relações sociais.

Na sociedade capitalista, é possível a alguns indivíduos viverem em liberdade, pois eles conseguem dominar as rela-

ções externas. Assim, surge uma certeza, ou seja, o proletariado como classe libertadora deve abolir a divisão do trabalho. Isso deverá ser feito através da revolução. Para que a revolução seja necessária, é preciso duas condições: a) que haja contradição entre a massa sem propriedade e o mundo existente de riqueza e cultura; b) desenvolvimento, no plano mundial, das forças produtivas. Para Marx, o comunismo não é um ideal; é um movimento, é o início de outra história. Não poderá ser senão em escala planetária.

Mas, afinal, o que é o comunismo? Marx não dá receitas.

O motor da história é a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção.

Depois das *Teses*, a obra *A ideologia alemã* apresenta um novo desenvolvimento a que Marx chama de “ciência da história”. Vale destacar que, para Marx, Feuerbach ignora a história real. De fato, Marx pretende unir materialismo e história, por isso, ele propõe o fim da filosofia especulativa (idealismo/materialismo), não o fim da filosofia. Mas, afinal, qual seria o novo papel da filosofia nessa ciência da história? Segundo ele, nesse novo cenário, caberia a ela oferecer “conceitos abstratos” que possibilitem representar o real, colocar e resolver os problemas sociais. A filosofia não pode mais ser uma simples contemplação do mundo sensível, como era para Feuerbach.

O que é essa nova ciência, então? Marx ainda não explica. Uma coisa é clara: Marx rompe com a possibilidade

apresentada nos *Manuscritos* (1944). Abandona o conceito de “alienação”. Substitui esse conceito pelo de práxis. Nos *Manuscritos*, Marx construía uma filosofia do homem; em *A Ideologia alemã*, ele não pensa em termos de homem, mas de forças produtivas e relações de produção. Marx rompe também com Weitling. Rompe, portanto, com o comunismo cristão. O comunismo deve partir de um conhecimento real da história, pois para Marx ele é uma teoria científica, movimento revolucionário

Em 1846, ocorre mais uma ruptura, dessa vez, será com Proudhon. Isso ocorrerá na *Miséria da filosofia*. A tese que Proudhon defende (já defendida antes por Bruno Bauer) seria rejeitar toda ação revolucionária. Contudo, vale ressaltar que o projeto de Proudhon é o mesmo de Marx: iniciar a crítica geral da economia política, usando a dialética hegeliana com o intuito de transformar a sociedade, mas movendo-se no campo da metafísica. Para o pensador prussiano, Proudhon tem uma teoria filosófica absurda, pois possui uma análise econômica equivocada. De acordo com Marx, ocorre que a dialética idealista do pensador francês é uma falsa dialética. De acordo com o pensador francês, toda categoria tem um lado bom e um lado mau. Deve-se eliminar, portanto, o lado mau. Para Marx, ao contrário, não se trata de eliminar, mas de fundir os dois na síntese.

Marx dirige ao filósofo francês algumas críticas, a sa-

ber: diz que Proudhon elabora uma falsa ciência da economia; afirma que a teoria da história elaborada pelo filósofo francês é, na verdade, uma falsa teoria da história; acusa-o de uma prática política errada. Para Marx, a ciência da história só pode ser a ciência da luta de classes; ele defende que os operários devem se organizar politicamente e a revolução é um caminho necessário. Proudhon, ao contrário, é contra a revolução como método de reforma social. De fato, ele defende uma dialética idealista. Marx, em *Miséria da filosofia*, mostra esse duplo erro de Proudhon, isto é, um erro teórico e prático. Erro ao qual, de acordo com Marx, Proudhon estava levando o proletariado. No fundo, *Miséria da filosofia* é a constatação evidente da ruptura de Marx com seu passado filosófico.

No *Manifesto do Partido Comunista*, temos uma condensação da *Ideologia alemã*, um aprofundamento da *Miséria da filosofia* além de uma antítese das críticas precedentes contra as formas utópicas do socialismo. *O Manifesto* apresenta os princípios gerais do comunismo. Nele, é reforçada a tese marxiana segundo a qual a história de toda sociedade é história de luta de classe. Aliás, essa é uma ideia bem difundida na Europa na primeira parte do século XIX. Não é, portanto, uma ideia original de Marx.

Marx percebe o papel histórico da burguesia: ela transforma profundamente as relações precedentes de produção e cria as condições necessárias para a revolução socialista. Ele

defende que o proletariado é criação da burguesia, isto é, ele é o produto do desenvolvimento das relações burguesas de produção. O trabalho é mercadoria e o operário instrumento de trabalho. Nesse cenário, o proletariado aparece para Marx como a única classe verdadeiramente revolucionária. *O Manifesto* é uma análise científica da história. Nele, a mudança da sociedade vem através do movimento dialético da história. Marx procura encontrar as leis que regem esse movimento. Para o filósofo, elas não são leis absolutas.

De fato, no *Manifesto*, aparece duas teses de Marx: a ditadura do proletariado e o fim do poder político do Estado.

Considerações finais

No pensamento de Marx até 1848, podemos encontrar as seguintes características: o conceito de alienação é de suma importância; seu mestre é Feuerbach; esse período desemboca nos *Manuscritos*. O período subsequente, que vai de 1844 até 1848, é marcado pelo seguinte: ruptura com Feuerbach na *Ideologia alemã*; abandono do conceito de alienação; a apresentação da teoria materialista da história, nas obras entre 1846 a 1848; ruptura com Proudhon, na *Miséria da filosofia*. A problemática de Marx (2008, p. 28), depois de 1848, é precisar o objeto e o método de sua teoria científica.

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo

A dialética em Marx

a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano, e por ela interpretado.

Marx vive em Londres de 1849 até sua morte (exceções feitas a breves períodos). As obras de 1845 a 1848 nos levam a afirmar que o marxismo é uma teoria científica da história da sociedade. Chamaremos sua teoria da história de materialismo histórico e sua teoria geral (sua filosofia) materialismo dialético. Mas, o que exatamente é essa filosofia? Ele nunca explicou.

A teoria do conhecimento de Marx (o marxismo) é, em última instância, uma metafísica ou uma teoria científica? Em *Pela crítica da economia política* (1859) e em *O capital*, Marx procede do abstrato ao concreto. Mas, qual a diferença entre a abstração hegeliana e a de Marx? O ponto de partida de Marx é a ciência contemporânea. Ele defende conceitos concretos e não conceitos abstratos. Nele, o conceito não é pura reflexão do real.

Tomemos o “modo de produção”. Existem duas classes, por exemplo, no modo de produção capitalista, ou seja, o proletariado e a burguesia. Mas, na realidade concreta, não existe esse conceito abstrato “modo de produção”. Concretamente,

existe apenas uma formação social historicamente determinada. Não há apenas duas classes, mas mais de duas. Ocorre que os conceitos são produzidos a partir do real. Não há perfeita adequação entre ser e pensamento, como defendia Hegel. O mundo não é fixo. O real está se transformando constantemente. A atividade humana transforma o mundo e o próprio homem. Enfim, o marxismo não é um sistema dualista.

Em *O capital*, Marx estuda o modo capitalista de produção. O objetivo último dessa obra é descobrir a lei econômica do movimento da sociedade moderna. Como Marx concebe o modo de produção? É uma unidade, uma totalidade orgânica; é articulado em vários momentos. Nas relações entre esses momentos a produção tem um papel determinante.

Contudo, Marx estuda certo meio de produção, o capitalismo. Assim, ele poderá entender os outros modos de produção. Para ele, o progresso não é uma ideia linear. A atividade social, em seu conjunto, é determinada por sua base econômica? Marx e seus sucessores lutarão sempre contra toda tentativa de reduzir tudo a um determinismo econômico, quer dizer, dá-se mais importância ao político; ele não indica o econômico como a “causa” e o resto como “efeito”. Definitivamente, em Marx, o econômico não é o determinante.

O modo de produção da vida material é o que condiciona o processo imaterial (social, político e espiritual). Nesse sentido, alguns conceitos merecem a atenção de Marx: a “mer-

cadoria”, em *O capital*, possui valor de uso e valor de troca; o “capital”, Marx o compreende como uma relação social de produção; o “salário” para o economista clássico é o preço do trabalho, para o filósofo de Tréves é a retribuição da força-trabalho.

O que são as “relações de produção”? As investigações de Marx para responder a essa questão apontam para as seguintes afirmações: o homem é o veículo das relações de produção; as necessidades são determinadas pela produção; o capitalista é capital personificado; o operário é a encarnação do trabalho assalariado; o trabalhador assalariado vende “livremente” sua força de trabalho; o capitalismo é o reino da necessidade.

Pode-se afirmar que os economistas burgueses e os socialistas utópicos realizaram uma ideologia, mas Marx elaborou uma ciência, cujo principal escopo era conhecer as leis do movimento real (que se dá de modo dialético). Em *O capital*, os comunistas utópicos pensavam a sociedade como de artesãos; Marx, ao contrário, pensava-a como uma sociedade industrial. Segundo o filósofo de Tréves, tudo se torna mercadoria, até a força de trabalho. A mercadoria perde toda característica natural; o dinheiro aparece como a maior abstração. Faz-se necessário, portanto, uma ciência que possibilite conhecer as leis sociais a fim de poder libertar os homens do domínio dos mecanismos sociais.

No centro do pensamento de Marx, há uma teoria da ide-

Francisco Antonio de Vasconcelos

ologia. Sobre a “estrutura” econômica da sociedade (relações de produção) se levanta uma “superestrutura” jurídica e política (instituições) e formas determinadas de consciência social (ideologia). A revolução para mudar as relações de produção faz cair as instituições e a ideologia dominante.

Referências

- CÂNDIDO, F. P. *et al.* *A formação da consciência: considerações a partir do texto “A ideologia alemã” de Karl Marx e Friedrich Engels.* Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis14/art10_14.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.
- PRUODHON, Pierre-Josephe. *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria.* Coleção Fundamentos de Filosofia. São Paulo: Ícone, 2003.
- KONDER, Leandro. *O que é dialética?* Coleção Primeiros Passos, nº 23. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- ELSTER, Jon. *Marx Hoje.* São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- MARX, Karl. A Guerra Civil na França. *In: Obras Escolhidas.* São Paulo: Alfa/Ômega, 1983.
- MARX, Karl. Crítica ao programa de Gotha. *In: Obras Escolhidas.* São Paulo: Alfa/Ômega, 1983a.
- MARX, Karl. *Grundrisse: lineamientos fundamentales para la crítica de la economía política 1857-1858.* México, D. F: editora, 1985.
- MARX, Karl. *O Capital.* São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl. *Manifesto Comunista.* São Paulo: Boitempo, 1998.
- MARX, Karl. *A Sagrada Família.* São Paulo: Boitempo, 2003.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos.* São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, Karl. *Miséria da filosofia.* São Paulo: Global, 1985. .
- Marx, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- HEGEL, G. W. F. *A Razão na História: Introdução à Filosofia da História Universal.* Lisboa: Edições 70, 1995. p.27-154.
- TEIXEIRA FILHO, Francisco Luciano. *O lugar do indivíduo em O Capital de Karl Marx.* Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6563>> Acesso em: 10 dez. 2013.

Francisco Antonio de Vasconcelos

Dialectic in Marx

Abstract: This paper aims at presenting basic information about the origins of dialectic (its meaning, philosophers from classical antiquity that reflected on it etc) and, which in turn, it also focuses on the dialectic according to Georg Hegel's view, for whom it is considered to be the synthesis of the opposites. Finally, this paper focuses on the details of Karl Marx's thought (philosophers in the Medieval and Modern Ages). Marx distinguished himself by focusing on Hegel's Idealist Dialectics and his criticisms, taking into account Friedrich Feuerbach's real man. According to Marx, the responsibility for the development of human History can not be ascribed to the idea.

Keywords: Dialectic – Idealist Dialect – dialectal materialism – Real Man